

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 5 • N.º 9 • MARÇO 96

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA — *Informática, Apocalíptica e Hermenêutica do Perigo*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS — *Pluralismo sem Consenso. A crítica de Rescher aos Pressupostos da Teoria da Acção comunicativa de Habermas*

ANTÓNIO PEDRO PITA — *A Intencionalidade e o Mundo dos Artistas. Mikel Dufrenne na Fenomenologia francesa*

JOÃO BOAVIDA — *Por uma Didáctica para a Filosofia*

ALFREDO SIMÕES REIS — *Perfil do Professor de Filosofia*

JOSÉ E. REIS — *Sobre o Tempo*

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO — *Redução ou Recondução? (Nota sobre Boaventura de Bagnoregio)*

RECENSÕES

PAREDES MARTÍN, M^a del C. (Ed.) — *Subjetividad y Pensamiento. Cuestiones en torno a Hegel*. (Salamanca, Universidad de Salamanca, 1994), 170 p.

Esta obra, inteiramente dedicada à actualidade de questões suscitadas pelo pensamento de Hegel, recolhe toda uma série de conferências proferidas e discutidas num simpósio realizado na Universidade de Salamanca, nos dias 13, 14 e 15 de Maio de 1992.

Do conjunto de artigos concebidos e redigidos a partir de perspectivas e interesses distintos, dois chamaram particularmente a nossa atenção pelo mesmo interesse neles dado ao Hegel da mediação contra uma tradição — a do império do entendimento — demasiado abstracta, simplista e imediatista.

O problema fundamental da filosofia de Hegel é, de facto, a crítica ao modelo fixista tradicional do pensar, que enredado em oposições tornadas absolutas, esquece o núcleo verdadeiramente dialéctico e relacional da sã razão humana. Para Hegel, a razão é movimento especulativo ou mediação e é enquanto tal, a identidade absoluta do heterogéneo, sublinha M^a del Carmen Paredes Martín no seu artigo «Subjectividad y reflexión en el Hegel de Jena». A autora chama neste texto a nossa atenção para o modo como a crítica hegeliana do idealismo subjectivo de Fichte o leva a fazer todo um novo e longo caminho de diferenciação que conduz à Fenomenologia como introdução ao sistema da ciência e nisto aposta na necessidade da via longa da mediação e da explicitação. O absoluto deve manifestar-se, exteriorizar-se, explicar-se, superando sem as aniquilar as suas manifestações. Só assim se torna sujeito de um modo não dogmático nem extrinsecista. Para Hegel, sublinha ainda a autora, as antigas filosofias da subjectividade e da reflexão «apenas substituíram a antiga metafísica dogmática da objectividade por uma metafísica da subjectividade que estabelece dogmaticamente os seus direitos frente a uma objectividade, cujo último sentido lhe escapa» (22). A subjectividade deve agora assumir a finitude como sua determinação adequada, se quer entender-se como processo e não como princípio fixo cristalizado.

Nesta mesma linha, o artigo de Ignacio Otero, intitulado «La ternura por las cosas o el mundo como sugerencia en el pensamiento», mostra-nos um Hegel crítico do entendimento porque demasiado ligado ao abstracto (46). A expressão hegeliana «ternura pelas cosas» envolve, segundo o autor, uma crítica a determinadas posições filosóficas e sobretudo o marcar de uma determinada atitude filosófica perante o real. A realidade aparece em Hegel como «pretexto para a actividade mediadora da razão, isto é, como estímulo para o exercício de múltiplas mediações (47). A razão não volta as costas ao real, porque a verdadeira ternura pelas coisas não é em Hegel a atitude respeitosa do entendimento que deixa as coisas como estão, separadas e atomisticamente consideradas.

É, pelo contrário, a ternura da especulação que alcança a paz e a conciliação com o real depois de uma experiência dialéctica de sofrimento indizível. Uma ternura peculiar inadmissível para o sentido comum. «Pois em vez de respeitar a imediatidade do real introduz nele o delírio báquico da negatividade mais radical e da mediação (50). O concreto surge então e supõe tal como o absoluto a unidade das diferenças. É assim o verdadeiramente empírico, tem no seu interior o movimento que também caracteriza o conceito. A nova ternura que Hegel pretende construir recusa frontalmente a imediatidade que caracteriza tudo quanto se reconhece como definitivamente estabelecido. O real não é para Hegel o meramente imediato ou definitivamente estabelecido. A ternura pelas coisas é movida pela dialéctica, que leva a contornar o imediato como mera sugestão para uma nova postura: a da mediação ou a do primado da relação.

É o Hegel da relação que, de facto sobressai neste conjunto de estudos publicado pela Universidade de Salamanca, e é como tal, que o seu pensamento é hoje actual e continua a provocar-nos. Sem a experiência do concreto já sempre vivido, logo já sempre mediado, a Filosofia seria pura fantasia ou ideologia abstracta e sem a referência inevitável do homem ao absoluto, ela perderia a sua autêntica raiz. A questão do sentido, aquela que desde sempre move o pensar e por detrás dele o homem, não tem uma resposta imediata ou imediatista, só na relação pode dizer-se. Este facto antecipou-o Hegel antes de toda a Hermenêutica ou Filosofia dialógica, apesar de não ter sabido preservar o mistério que é o pensar em relação.

No entanto a sua actualidade é inquestionável numa época em que o valor do concreto e o valor do absoluto parecem abandonados pelo pensamento ou de novo desconstruídos.

Maria Luísa Portocarrero F. Silva

HAEGER, Paul — *Continuity and Change in the Development of Russell's Philosophy*. (Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 1994), 195 pp.

Paul Haeger é Professor Associado de Filosofia na Faculdade de Educação da Universidade de Tecnologia de Sydney (Austrália), onde ensina filosofia da educação. O livro sobre Bertrand Russell, como ele próprio observa no prefácio, resultou em grande parte dos seus estudos de doutoramento sobre o filósofo inglês realizados nessa Universidade, que culminaram com uma dissertação apresentada à mesma no ano de 1987. Dos seus outros trabalhos sobre Russell até à data, importa mencionar dois artigos publicados na revista dos Arquivos de Bertrand Russell da Universidade MacMaster (Canadá), **Russell: the Journal of the Bertrand Russell Archives**, respectivamente em 1987 ("Russell and Zeno's Arrow Paradox", n 1, pp. 3-10) e 1993 ("Why Russell Didn't Think He Was a Philosopher of Education", n 2, pp. 150-167). O Professor Haeger foi por diversas vezes investigador-visitante dos Arquivos de Russell, os quais foram oficialmente criados no início dos anos setenta tendo em vista a publicação do espólio filosófico inédito legado pelo filósofo ainda antes da sua morte (1970), que tem vindo a lume, desde 1983, na magnífica colecção intitulada **The Collected Papers of Bertrand Russell** (Pub. Routledge, Londres). Este contexto editorial é, aliás, um dado essencial para uma avaliação do significado e valor filosóficos (quicá mesmo da originalidade) do seu trabalho principal sobre Russell, sabido como é que a edição dos referido espólio veio revolucionar completamente a imagem tradicional da filosofia de Russell e as próprias